

NOVOS RUMOS

Bundes e telefones também paralisaram

Light e Lacerda Levam Trabalhadores à Greve Que Deixou GB Sem Gás

ANO V — Rio de Janeiro, 17 a 23 de Janeiro de 1964 — N.º 256

Unidade Para a Conquista de um Governo Que Realize as Reformas de Estrutura

Leia Editorial e matéria na 3.ª página

Os trabalhadores em Carris, Gás e Telefones estão paralisados desde as primeiras horas da última terça-feira, numa greve de advertência, que deveria durar apenas 36 horas, mas que continuava até encerrarmos os trabalhos desta edição. O objetivo da greve é o atendimento das reivindicações dos trabalhadores dessas categorias que, juntamente com o pessoal da Energia, pleiteiam 100% de aumento sobre o salário vigente em 1.º de janeiro de 1964, gratificação de Cr\$ 5.000,00 por quinquênio, pagamento de férias em dobro; salário-família de Cr\$ 4.000,00; licença prêmio de 6 meses por decênio.

PREVIDENCIÁRIOS — GREVE TOTAL DE 24 HORAS PELA CONQUISTA DO 13.º SALÁRIO

Na última quinta-feira, dia 16, várias repartições públicas deixaram de funcionar na Guanabara e vários outros Estados. Os empregados dos Correios, Arsenal de Marinha, Instituto de Previdência, Ministério da Marinha, DNER, Departamento Nacional de Endemias Rurais e portuários cruzaram os braços. Calcula-se em 250.000 o número de grevistas, que reivindicam o pagamento do 13.º salário. Várias entidades sindicais solidarizaram-se com a posição dos servidores em greve, entre elas a CPOB, o PUA e as organizações de funcionários públicos. As últimas horas do dia 16, o Ministro do Trabalho tentava encontrar uma solução, tendo o sr. José Talarico levado uma proposta à assembleia dos previdenciários, realizada no Automóvel Clube. O deputado Talarico não chegou, porém, a anunciar a proposta, tendo que deixar o microfone em face da escuridão vinda com que foi recebido.

Advertência Vitoriosa

Nas últimas horas da tarde de ontem, em assembleia realizada no Sindicato dos Aeronautas, os previdenciários deram como vitoriosa sua greve de advertência: o Comando de Greve, depois de entendimentos mantidos com autoridades federais, levou aquela assembleia a aprovar pela qual as autarquias receberiam, dentro de curto prazo, o 13.º salário, com o esclarecimento de que esse pagamento está na dependência de uma mensagem presidencial, ora no Congresso, para a qual o presidente da República pedira regime de urgência urgentíssima.

Contudo, todos os previdenciários estão em estado de alerta, aguardando instruções de seu Comando de Greve, que encaminhará as gestões junto às autoridades federais e ao presidente da República.

Jango Assina Hoje Regulamentação da Lei de Remessa de Lucros

O presidente João Goulart aplicou a diretoria da CNTI providências para que um grande número de líderes sindicais esteja presente ao ato de assinatura da lei que regula a remessa de lucros para o exterior, hoje, sexta-feira. O ato terá lugar no palácio Rio Negro, em Petrópolis, às 17 horas. Caravanas de trabalhadores partirão da Guanabara, Estado do Rio e de São Paulo. A diretoria da CNTI apela a todos aqueles que dispõem de viaturas para que integrem essas caravanas. Na Guanabara, o ponto de encontro é a sede da CNTI (rua dos Andradas, 96), de onde a caravana partirá às 13.30 de hoje, sexta-feira.

Entrevista de Prestes

Por motivo de ordem técnica deixamos de publicar neste número, como anunciamos, o texto da entrevista concedida por Prestes à televisão paulista. Assim, os leitores poderão encontrar o texto da entrevista em nossos leitores encontrarão o texto da entrevista política do líder comunista brasileiro.

Dia 17: Homenagem a Delelis e Plácido

O Sindicato dos Metalúrgicos do Estado da Guanabara fará realizar sexta-feira, dia 17, às 19.30 hs, na sede da entidade (rua Ana Ne), um ato público de solidariedade aos líderes sindicais paulistas, que, juntamente com um grupo de sergentes, foram vítimas de descabida prisão, levada a efeito por autoridades militares do II Exército. Os líderes sindicais libertados recentemente, Plácido e Delelis — diretores do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo — serão alvo de expressiva manifestação de solidariedade prestada pelos metalúrgicos e mecânicos da Guanabara.



Solidariedade a Cuba Levou 2 mil Pessoas à ABI

Com a presença do Comando Geral dos Trabalhadores, do embaixador Alvaro Lins, dos deputados federais Marco Antônio Coelho, Roland Corbisier e Adão Pereira Nunes, senador Aarão Steinbruch, líderes sindicais e estudantes, realizou-se, na noite da última sexta-feira, dia 10, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, assembleia pública de solidariedade ao povo cubano (foto ao lado). Discursaram: o deputado Roland Corbisier, o embaixador Alvaro Lins, o ex-deputado federal Carlos Marighella, o secretário-geral do CGT, Osvaldo Pacheco, o presidente da União Brasileira de Estudantes Secundários, a representante da Liga Feminina do Estado da Guanabara, Ana Montenegro, e outros. Cerca de duas mil pessoas compareceram à assembleia. (Pág. 6)

JK: ANTES, PELO CONTRÁRIO

"Não sou contra nem a favor, antes, assim mesmo, pelo contrário..." — eis em que pode ser resumida a entrevista concedida pelo sr. Juscelino Kubitschek à revista "Manchete" e divulgada pelos jornais de quarta-feira. Segundo parece, pretendia o ex-presidente apresentar nessa entrevista a sua plataforma de candidato. A impressão que deixa, porém, é de estar ainda em 1955 ou quando muito, 1959. Para JK, nada mudou no quadro político e social do País: é a mesma a correlação de forças, a consciência das massas permanece inmutável, o movimento nacionalista e a influência das forças progressistas na vida do País não sofreu alterações — tudo, enfim, como antes. Nessa realidade supostamente estacionária, JK imagina poder navegar com a mesma placidez ou inconseqüência de antes: faz um voo hoje, um discurso bonito amanhã, uma recepção festiva depois — e eis o inefável Juscelino sorridente e vitorioso... Que diz sobre a reforma agrária? De acordo, desde que seja do "centro". Sobre as reformas em geral? De acordo, desde que não sejam da direita nem da esquerda. Sobre política externa, sobre Cuba, sobre a espoliação imperialista, sobre seus privilegiados amigos da indústria automobilística? Nada, simplesmente nada.

A entrevista de JK revela que o divertido ex-presidente não tem mais condições de encontrar-se a si mesmo no atual panorama político do Brasil. Seu lugar é outro: as páginas do velho Eça de Queiros.

UMA VIDA MELHOR NOS CAMPOS DE PERNAMBUCO

Reportagem de José Almeida na 7.ª página

O Crime do Panamá



No momento em que os Estados Unidos se preparam para uma agressão a Cuba, através da Organização dos Estados Americanos, surge a questão do Panamá, que mais uma vez desnuda para o mundo inteiro a face cruel do imperialismo econômico e político que os Estados Unidos exercem na América Latina.

O governo do Panamá sempre foi um governo abertamente norte-americano. O próprio Panamá, como país, é uma criação violenta dos Estados Unidos, que partiu em dois a Colômbia e ficou com um pedaço, exatamente o Panamá, para poder construir o canal, cuja propriedade perpétua obteve à força.

A cessão da zona do canal do Panamá aos Estados Unidos, em caráter definitivo, começa agora a produzir os efeitos necessários: a cessão foi feita por um governo que não representava o povo panamenho e por isso o povo panamenho se levanta agora contra a opressão norte-americana.

O governo do Sr. Chaire denunciou à OEA e à ONU as arbitrariedades dos soldados e civis norte-americanos, de que resultou a morte de dezenas de cidadãos do Panamá. Enquanto isso o sr. Dean Rusk, secretário de Estado norte-americano, aproveita a ocasião para afirmar publicamente que os acontecimentos do Panamá são de responsabilidade de Fidel Castro.

Na 3.ª página damos completa reportagem sobre os acontecimentos e a situação do Panamá. Na foto ao lado, manifestação anti-norte-americana do povo panamenho.

Constituição civil

Os trabalhadores nas indústrias de construção civil da Guanabara homologaram, dia 10, o grande assembléa-geral, a proposta de conciliação apresentada pelo desembargador Cesar Pires Chaves, presidente do Tribunal Regional do Trabalho.

A proposta do Tribunal, já assinada em acordo na sexta-feira, é a seguinte: a) aumento de 96% sobre os salários estabelecidos pelo último dissídio; b) vigência a partir de janeiro; c) reajustamento em 1 de julho próximo.

SAMDU

Os servidores do SAMDU suspenderam, dia 12, a greve que haviam deflagrado no dia 8 do corrente. O movimento foi suspenso por motivo de compromisso assumido pelo ministro do Trabalho de atender a maioria das reivindicações dos trabalhadores em serviços de assistência médica.

Entre as melhorias a ser concedidas, segundo o compromisso assumido pelo ministro Amauri Silva, estão as seguintes: triênios a partir de 1962; nível 10 para assessoria do serviço médico; risco de vida; taxa de insalubridade; aproveitamento dos acadêmicos; readaptação e contagem especial de horas de servidores, ou sejam, enquadramento e nível universitário, serão estudadas por comissão especialmente organizada para esse fim.

Químicos: Acordo e insatisfação

Reunidos em assembléa-geral na sexta-feira, dia 10, os trabalhadores nas indústrias químicas da Guanabara aceitaram a contraproposta patronal, concedendo um reajustamento salarial de 100% sobre os níveis do último acordo. Os trabalhadores ficaram insatisfeitos com o resultado, pois reivindicavam um aumento de 100% sobre os atuais salários, além de outras melhorias. Denunciaram, ainda, a maneira pela qual foi colocada, para decisão, a proposta aprovada, pois confundiu os participantes da assembléa, transcorrida no auditório da Rádio Globo.

Moinho

Funcionários do Moinho Inglês denunciaram arbitrariedades da administração daquela empresa contra os trabalhadores, dilatando o expediente de trabalho, o qual constitui conquista da categoria.

O novo horário, entrado em vigor desde o início do ano, aumentou em 1 hora e 30 minutos o tempo de serviço, inclusive aos sábados. Os trabalhadores já começaram a movimentar-se para fazer valer a sua conquista.

Comerciantes Querem Mínimo

Os comerciantes da Guanabara estão reclamando a imediata decretação do novo salário mínimo, na base de 100% sobre o atual. Dando prosseguimento à sua campanha salarial, os comerciantes realizaram dia 17, uma assembléa-geral na sede do seu Sindicato.

ENSACADORES DE CAFÉ: GREVE CONTINUA

Em greve, desde o dia 7 nove mil ensacadores de café dos portos do Rio, Santos e Paranaguá, estão exigindo dos armazenedores a assinatura de um acordo salarial que venha completar o vigente, realizado em 1962. O movimento paralisou a atividade dos ensacadores, que recebeu a solidariedade de seus companheiros dos portos de Miterói e Angra dos Reis, já atravessou sua primeira semana de duração sem que os patrões se apresentassem com qualquer proposta nas tentativas de conciliação. A intransigência dos tubarões da exportação provocou a movimentação do senador Nelson Maculan, presidente do IBC, que procurou criar uma situação, para evitar que viesse a faltar café nas grandes cidades do País, pois com a paralisação dos ensacadores, os armazéns não podem fornecer o grão às torrefações, cujo estoque está em vias de acabar.

Reivindicações

Divididos em cerca de 50 subcategorias, de acordo com as várias modalidades de serviços, os ensacadores constituem sindicatos autônomos, que recebem as emendas e fazem os pagamentos. Porém, qualquer possibilidade de acordo só poderá chegar a bom termo se os armazenedores resolverem aceitar um contato direto com a Federação dos Ensacadores, que está representando os interesses dos três sindicatos em greve. A proposta apresentada pelos empregados encerra um aumento de 80% nas tabelas salariais e ainda o pagamento da taxa de insalubridade de acordo com as leis trabalhistas, pagamento em dobro das férias e o salário família. Essa proposta, que obteve alguma aceitação por parte dos armaze-

nadores do Rio e de Paranaguá foi violentamente rejeitada pelos empregadores de Santos, que se recusaram a manter qualquer entendimento.

Ao Governo

A atitude tomada pelos armazenedores santistas, e endossada posteriormente pelos outros empregadores, fez com que se tornasse necessária a mediação do IBC, pois os patrões não estavam se preocupando em encerrar a greve, isso porque não estão sendo prejudicados pelo atraso da partida de um navio em Santos, e estão prejudicando populações inteiras com a intransigência que leva ao empilhamento das sacas nos armazéns enquanto esvaziam-se os depósitos de torrefações, provocando a falta de café para as donas-de-casa. Essa manobra foi imediatamente denunciada pelos empregados que acieceram as verdadeiras intenções dos patrões, que já vinham sabotando o acordo assinado desde abril do ano passado.

Após sabermos da posição do IBC que desejava encerrar o movimento paralisando por meio de um acordo, os ensacadores propuseram ao senador Maculan que aquiescesse, diante da recusa ostensiva dos patrões a buscar uma solução, intervir-se nas armazenedoras, liberando o café retido e obrigando-as a afirmar um acordo com seus empregados. Por outro lado, os empregados sugeriram também seja instituído o monopólio estatal na distribuição do café, medida que uma vez concretizada, além de evitar situações como essa, em que os patrões se encastram enquanto o povo não tem café vai também resolver outros problemas, inclusive de ordem financeira para o País.



Riani: CNTI Continuará a Luta Pelas Reformas e Pela Unidade Dos Trabalhadores

Com o Palácio dos Metalúrgicos superlotado, realizou-se sábado último a posse da Diretoria da CNTI, encabeçada por Clodomir Riani, eleito no dia 8 do corrente. O comparecimento maciço dos trabalhadores à solenidade representou mais um repúdio às manobras divisionistas dos pelegos dirigidos por Crockatt de Sá e seus lacaios, como Ari Campista e Holanda Calacanti, cuja chapa "de oposição" sofreu esmagadora derrota no dia 8.

Com o Palácio dos Metalúrgicos superlotado, realizou-se sábado último a posse da Diretoria da CNTI, encabeçada por Clodomir Riani, eleito no dia 8 do corrente. O comparecimento maciço dos trabalhadores à solenidade representou mais um repúdio às manobras divisionistas dos pelegos dirigidos por Crockatt de Sá e seus lacaios, como Ari Campista e Holanda Calacanti, cuja chapa "de oposição" sofreu esmagadora derrota no dia 8.

Com o Palácio dos Metalúrgicos superlotado, realizou-se sábado último a posse da Diretoria da CNTI, encabeçada por Clodomir Riani, eleito no dia 8 do corrente. O comparecimento maciço dos trabalhadores à solenidade representou mais um repúdio às manobras divisionistas dos pelegos dirigidos por Crockatt de Sá e seus lacaios, como Ari Campista e Holanda Calacanti, cuja chapa "de oposição" sofreu esmagadora derrota no dia 8.

Reformas são Programa — Os trabalhadores exigem as reformas da base, e este é o programa da CNTI: reforma agrária com emenda da Constituição; reforma bancária que democratize o crédito; reforma tributária que cobre os impostos de quem pode pagá-los e não o faz; e reforma administrativa de acordo com os interesses do desenvolvimento e da emancipação do Brasil.

Urgência — O sr. Clodomir Riani enfatizou a urgência da reforma também da Lei Eleitoral, de maneira a dar direito de voto aos sargentos, soldados e cabos, e aos analfabetos, e acabar com as discriminações ainda existentes que impedem que autênticos líderes populares sejam candidatos, eleitos e empossados. Citou os casos dos srs. Geraldo Rodrigues dos Santos (eleito deputado federal) e Luis Tenório de Lima (eleito deputado estadual) este, membro da atual Diretoria da CNTI — ambos de São Paulo —, que foram impedidos de assumir os cargos a eles conferidos pela vontade soberana do povo.

Jango, só Com Reformas — Depois de declarar sua solidariedade aos sargentos patriotas envolvidos nos acontecimentos de Brasília, o presidente reeleito da CNTI acentuou: — A CNTI apoiará o presidente João Goulart desde que ele se encaminhe para a realização dessas reformas que constituem o nosso programa e por que tanto ansia o povo brasileiro.

Eleições na CNTI

6 de Janeiro de 1964 passa à história do movimento sindical brasileiro como uma das datas mais importantes. Realizou-se nesse dia as eleições para a Diretoria da CNTI, a maior confederação de trabalhadores, que congrega cerca de cinco milhões de operários. Estas eleições foram acompanhadas com vivo interesse e expectativa por todos os movimentos sindicais de dentro e fora do País, pelas forças patrióticas e progressistas e também pelas forças reacionárias. Esse grande interesse tinha sua razão de ser: é que da escolha de Riani e seus companheiros a direção do quadro autêntico representante dos trabalhadores, dependeria a continuidade de uma orientação política, combativa, independente, democrática e patriótica (marxista) aquela entidade nos últimos dois anos, em defesa dos interesses específicos dos trabalhadores e na ativa participação na vida política do País.

Nessa ocasião, a unidade já alcançada pelos trabalhadores suportou uma dura prova contra todos os processos de divisão e suborno e dele saiu plenamente vitoriosa e reforçada. A vitória obtida por larga margem de votos e a carinhosa manifestação de solidariedade das demais categorias profissionais são bem uma prova disto.

A maioria dos representantes dos trabalhadores no Conselho da entidade, com sua firme e enérgica participação e votando como rolaram, souberam honrar os seus mandatos, repeliram bravamente todas as tentativas de corrompê-los, cresceram no conceito e na estima dos trabalhadores, demonstraram o elevado grau de consciência e responsabilidade que corresponde ao processo de amadurecimento do movimento sindical brasileiro.

Os pelegos e divisionistas, sob o comando do sr. Crockatt de Sá, Ary Campista, Deciciliano e outros, desde de dois anos atrás quando foram aliados da CNTI, trabalhava intensamente para derrotar a atual Diretoria. Muito antes das eleições, organizaram, com ajuda da embaixada americana e de poderosos grupos econômicos nacionais, manobras para corromper e comprar votos. Milhões e milhões foram acumulados para essa empreitada infame. Mas, esborraram-se contra a unidade e consciência dos trabalhadores e a maioria dos seus dirigentes. Os métodos mais indignos postos em prática por bases elementares a serviço das forças mais reacionárias, revelou o desespero impotente dessas forças na tentativa de impedir o avanço crescente do processo de unificação dos trabalhadores.

As eleições na CNTI demonstraram mais uma vez que é indispensável aos trabalhadores reforçar mais ainda sua unidade e vigilância que é necessário expulso do seu meio os pelegos traidores e indignos, os quais são inimigos dentro de suas próprias trincheiras. Estas eleições mostraram mais uma vez com toda a clareza o papel que essas entidades representam: são agentes da embaixada americana e dos grandes capitalistas nacionais contra os trabalhadores, que jamais os perdoará e lhes dará o castigo que merecem.

Aos trabalhadores cabe outra grande responsabilidade: apoiar firmemente a CNTI, poderosa força no comando geral dos trabalhadores (CGT). Atualmente na luta pela revisão salarial, pelas liberdades democráticas e sindicais, pelas reformas indispensáveis ao desenvolvimento do País e melhores condições de vida.

II Congresso Nacional Dos Servidores do DNERu

De 11 a 15 de dezembro findo, realizou-se na cidade de Recife o II CONGRESSO NACIONAL DOS SERVIDORES DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE ENDEMIAS RURAIS, com a participação de 16 Estados, representados por 138 Delegados eleitos pelas associações estaduais, e também de vários Delegados Federais e representantes da UNBP, do Sindipetro, do CGT de Duque de Caxias e do Superintendente da CEM.

Ao Congresso Nacional Dos Servidores do DNERu, que mais uma vez confirmou seu apoio às lutas dos servidores pela conquista de seus direitos e pela emancipação nacional.

Na ocasião, os servidores manifestaram a S. S.º o reconhecimento a todos os chefes que apoiaram e prestigiaram o conclave, bem como o veemente protesto contra aqueles que procuraram travar e impedir a participação dos servidores.

TESES APROVADAS — O II Congresso dividiu seus trabalhos por quatro Comissões de Estudo, que analisaram as questões do Tamariz, enviando ao Plenário os respectivos relatórios sobre os diversos assuntos. As Comissões e reuniões plenárias funcionaram na Escola de aplicação, no Parque Trêze de Maio. Foi aprovado grande número de Teses, destacando-se as seguintes: medidas práticas para a reforma administrativa do DNERu; pelo enquadramento e classificação justa e imediata dos funcionários do Ministério da Saúde; pela contagem integral de todo o tempo de serviço do pessoal de Verbas Globais; pela especialização técnica dos servidores do DNERu e contra a importação de técnicos; pela participação imediata dos servidores públicos na administração do IPASE; pela gratificação por trabalho que envolva risco de vida e saúde; finalmente, pela criação de entidade nacional que congregue todos os servidores do DNERu.

REFORMAS DE BASE — Demonstrando o alto nível de politização dos servidores, o Congresso não se limitou à análise dos assuntos de interesse específico; o Plenário discutiu também acaloradamente os problemas nacionais, sendo aprovadas, por unanimidade, Moções, Teses, Requerimentos e Indicações — de apoio e solidariedade ao Presidente da República e à luta pelas reformas de base, principalmente pela reforma Agrária radical; pela emancipação imediata da Refinaria de Capuava; pelo monopólio integral do petróleo; pela constituição de um Governo Nacionalista e Democrático.

PRIMEIRA DIRETORIA DO ANSDERU — Finalmente, depois da criação da ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS SERVIDORES DO DEPARTAMENTO DE ENDEMIAS RURAIS, o Plenário elegeu sua primeira Diretoria, que ficou assim constituída: Presidente, Alberto Melo Leite (da Guanabara); 1.º Vice-Presidente, Francisco Felipe Cardoso (de Ceará); 2.º Vice-Presidente, Rodolpho F. Azevedo Neto (de Goiás); 3.º Vice-Presidente, Francisco Monteiro de Souza (do Amazonas); Secretário-Geral, José Ribamar Goulart (do Maranhão); 1.º Secretário, Custódio Pires de Aquino (do Estado do Rio); 2.º Secretário, Epitácio França (da Guanabara); 1.º Tesoureiro, Epitácio França (da Guanabara); 2.º Tesoureiro, Davino Ribeiro da Silva (da Bahia).

SOLIDARIEDADE A CUBA — Os congressistas aprovaram ainda as moções seguintes: de solidariedade ao povo cubano; de exigência — dirigida aos Poderes da República — de aprovação imediata da Lei de Anistia para os Sargentos e todos os líderes presos por lutarem pela emancipação nacional; de solidariedade à UNE e ao CGT pela bravura com que lutam em defesa dos interesses nacionais e das garantias democráticas.



HOMENAGEM AO MINISTRO OLYMPIO MELLO

Com a presença de mais de seiscentas pessoas realizou-se sábado último, na Churrascaria Gaúcha, a homenagem patrocinada pela CONTEC em regimejo pela nomeação de Olympio Mello para o Tribunal Superior do Trabalho. Ao ato compareceram representantes sindicais de quase todos os Estados da Federação, o ministro do Trabalho em seu nome e representando o presidente da República, o sr. João Pinheiro Neto, presidente da SUPRA, representantes do ministro da Justiça, dos governadores Miguel Arraes e Magalhães Pinto, de Luis Carlos Prestes, do deputado Leonel Brizola etc. Durante a homenagem usaram da palavra o sr. Aluizio Palhano, presidente da CONTEC, João Pinheiro Neto, Osvaldo Pacheco em nome das lideranças sindicais e do CGT e o homenageado. Na foto ao lado: o sr. João Pinheiro Neto, presidente da SUPRA, repre-

Carteiros em Congresso: De 22 a 25, na Guanabara

De 22 a 25 próximo, será realizado no Estado da Guanabara o I Congresso Nacional dos Carteiros do Brasil convocado pela Congregação Cívica dos Carteiros, a fim de examinar vários problemas: organização e união da categoria dos carteiros em âmbito nacional; revisão dos seus níveis; adoção de um tipo de uniformes adequados aos diferentes climas regionais do país; descanso semanal; soergimento moral, material e intelectual da categoria; defesa do monopólio estatal das telecomunicações; ampliação do serviço social do DCT; funcionamento de cursos de aperfeiçoamento na Escola e suas delegacias; contenção da inflação; adoção de uma legislação justa e humana sobre os aluguéis de imóveis e outras questões.

Unidade Para a Conquista de um Governo Que Realize as Reformas de Estrutura

NOTA ECONOMICA

Significação da alta dos preços do café

PLATAFORMA COMUM E UNIDADE DE AÇÃO

Os comunistas têm posição clara e definida pela formação de uma ampla frente de todas as forças nacionalistas e democráticas e pela concretização das reformas de base necessárias ao progresso e à emancipação do Brasil.

Além disso, a realização de uma plataforma dessa natureza depende da constituição de um governo que, pela sua composição política, represente autenticamente as forças interessadas nas reformas de estrutura.

Uma série de fatos ocorridos nos últimos dias, deixam a existência de uma intensa movimentação política (para as forças nacionalistas) em evidência.

Frente Progressista

Em entrevistas a jornais cariocas e em discursos pronunciados em Belo Horizonte, vem o deputado San Tiago Dantas defendendo a tese de que as forças progressistas precisam unir-se numa ampla frente que se constitua numa base política capaz de assegurar a efetivação das reformas de base.

Jango e Arraes

Chegando segunda-feira ao Rio, o governador Miguel Arraes seguiu diretamente para o aeroporto para Petrópolis, onde se encontra o presidente João Goulart.

Entrevista de Prestes

Esses problemas foram abordados por Luiz Carlos Prestes em sua recente entrevista à TV paulista, que alcançou enorme repercussão em todo o País.

FMP Felard

Enquanto isso, está sendo articulada uma importante reunião da Frente de Mobilização Popular, na qual deve ser discutida em profundidade a atual situação do País e as perspectivas de encaminhamento do processo político.

Além disso, a realização de uma plataforma dessa natureza depende da constituição de um governo que, pela sua composição política, represente autenticamente as forças interessadas nas reformas de estrutura.

No editorial de nossa edição da última semana de dezembro, afirmamos que o problema da luta pela mudança na composição e na política do Governo, pela conquista de um governo nacionalista e democrático, continua na ordem do dia.

CRÔNICA DE BRASÍLIA - março antigo

Uma Crítica Que Não Aceitamos

Terminado o período das férias de fim de ano, não prejudicadas pelo ridículo da "vigília cívica", reiniciamos a luta política no Congresso Nacional.

Com tal propósito, os elementos progressistas da Câmara comentam a "onda" surgida na imprensa contra o movimento que se desencadeou, em novembro-dezembro, pela recomposição ministerial.

Terminado o período das férias de fim de ano, não prejudicadas pelo ridículo da "vigília cívica", reiniciamos a luta política no Congresso Nacional.

Com tal propósito, os elementos progressistas da Câmara comentam a "onda" surgida na imprensa contra o movimento que se desencadeou, em novembro-dezembro, pela recomposição ministerial.

Estamos convencidos, entretanto, de que o êxito de uma iniciativa nesse sentido depende, essencialmente, da possibilidade de desencadear-se, em torno de uma plataforma de ação comum, amplo e vigoroso movimento popular, capaz de dar o apoio necessário a um governo que se disponha efetivamente a realizar tais medidas.

O «APOIO» DE GORDON

São conhecidas as boas relações existentes entre «última hora» e o embaixador Lincoln Gordon. Como poucos, sempre fez questão o jornal do sr. Samuel Wainer de apresentar o embaixador ianque como um intelectual de fino gosto e elevado gabarito.

Em tom quase de súplica, pede o sr. Wainer ao embaixador lanque que não deixe de publicar um discurso que pronunciou na Bahia e onde, sustenta, defende as reformas de base.

Por mais conhecidas que sejam essas relações, é revoltante, para um simples patriota, a subserviência com que aquele jornal se refere a Mister Gordon no editorial de terça-feira, primeira página.

Os patriotas repelem essa humilhante subserviência. Para os nacionalistas, as reformas significam, antes de tudo, um golpe mortal na espionagem imperialista.

BRINCANDO COM A MORTE

ALBERT KHAN

Toxicomania! Delinqüência Juvenil!

TESTEMUNHO ESTARRECEDOR DE UMA REALIDADE TRÁGICA E BRUTAL, NÃO PODE SER LIDO SEM ESPANTO E HORROR!

299 pgs. — por apenas Cr\$ 490,00

Peça-o hoje mesmo pelo REEMBOLSO POSTAL à LIVRARIA DAS BANDEIRAS

Rua Riachuelo, 342 — loja 2 — São Paulo —

NOVOS FUMOS. Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA. Diretor Orlando Bomfim Júnior. Diretor Executivo Fragman Carlos Borges.

FORA DE RUMO - paulo motta lima. O "New York Times" em face do massacre de panamenhos por tropas lanques e da repercussão desse ato de atrocidade, observa que o episódio abre um longo período de negociações complicadas e difíceis.

Vitória Democrática: Sargentos e Líderes Sindicais Libertados em São Paulo

São Paulo (Da sucursal) — Por voto unânime, o Conselho Permanente da Justiça Militar decidiu revogar a prisão preventiva que fora imposta aos líderes metalúrgicos Afonso Delella e José de Araújo Plácido e mais 11 sargentos, acusados de estar envolvidos em movimento ligado ao levante de Brasília.

Cerca de duas horas depois dessa decisão, aqueles sindicalistas e militares eram postos em liberdade, após terem passado 32 dias na prisão.

O Julgamento

A sessão do Conselho Permanente que tomou a referida decisão durou 8 horas consecutivas, o que diz bem da importância da questão em debate.

Em sua petição, os advogados de defesa apelarão em vários fatos novos. Um deles — que repercutiu favoravelmente as teses que defendiam — foi o do relaxamento da prisão preventiva dos sargentos participantes do movimento de Brasília, e o relaxamento das decretadas pela 1.ª Auditoria da Aeronáutica da Guanabara. O próprio juiz auditor, senhor José Tinoco Barreto, ao votar pela revogação da prisão preventiva, citou esse ponto, embora não deixasse de repelir a infâmia de que o "CGT" e a "CNTI" são antros peçonhentos.

Tempo em que criticou os deputados Taner'do Neves e Martins Rodrigues por terem-se oposto à urgência requerida para o projeto nesse sentido.

Manifestou também a sua estranheza pela liberdade de movimentos de que gozam gorilas do tipo HECK, que vivem a comemorar abertamente, o povo a empunhar armas contra as instituições.

Apesar de se encontrarem em liberdade, Delella, Plácido e os sargentos ainda estão ameaçados pelo processo que contra eles é movido pela Justiça Militar. Em vista disso, novas medidas estão sendo tomadas em defesa de sua causa.

"A PAZ e a coexistência pacífica concedem aos povos que se libertaram da dominação imperialista as melhores oportunidades de renascimento nacional, de liquidação do atraso e da pobreza secular, de conquista integral da independência política e econômica."

Vejam no número 11 de PPS, quanto deve o mundo ao sistema socialista, lendo o artigo de Luigi Longo "Significação e alcance mundial da luta do Partido Comunista da União Soviética."

PPS-Problemas da Paz e do Socialismo, revista teórica de estudos marxistas e de informação internacional, nas bancas, nas livrarias ou na Rua da Assembleia 34, salas 204 e 304, Rio (Gb).



O escritor Osvaldo Pacheco quando falava, no ato de solidariedade a Cuba

Pacheco: Com o Povo Nas Ruas Soberania de Cuba Será Defendida

"Com o povo mobilizado e protestando nas ruas, não haverá artifício jurídico que possa agredir a soberania cubana", afirmou o sr. Osvaldo Pacheco, representante do CGT no ato de solidariedade a Cuba, realizado na noite do dia 10 no auditório da ABI. A manifestação, que contou com a presença dos deputados Marco Antônio Coelho e Roland Corbier, além do embaixador Alvaro Lins, do ex-deputado comunista Carlos Marighella e de várias entidades sindicais e estudantis, lotou completamente as dependências do auditório. Afirmando que o povo brasileiro está defendendo a revolução cubana quando luta por suas reivindicações,

o sr. Osvaldo Pacheco asseverou: "Ninguém cede privilégios sem luta, e por isso, somente com a realização de muitos atos como este e de comícios, é que nós conseguiremos retirar o Iamarani da posição vacilante em que se tem mantido."

O embaixador Alvaro Lins lembrou sua experiência de embaixador em Lisboa, afirmando que "o Tratado do Rio de Janeiro esteve engavetado durante muitos anos, e agora pretende-se lançá-lo contra a revolução cubana. O Tratado tem duas caras, como é da tradição da diplomacia norte-americana. Falando na qualidade de ex-deputado pelo Partido

Carteira

Profissional

Perdida

Na festa campestre realizada domingo passado na Rãs da Serra, o sr. Edson Joaquim de Moraes perdeu um paletó em que levava um documento da máxima importância: sua Carteira Profissional.

A quem por acaso tenha encontrado esses objetos, o sr. Edson apela para que os entregue na redação de NOVOS RUMOS, Av. Rio Branco, 257, sala 1712.



Câmara de Friburgo Aplande Amirante Cândido Aragão

Nova Friburgo (Do correspondente) — Uma moção de congratulação com o almirante Cândido Muniz de Aragão, por sua investitura no comando do Corpo de Fuzileiros Navais, foi aprovada por 14 votos pela Câmara Municipal de Nova Friburgo, em sua última reunião.

Repúdio a Lacerda
Na solenidade de entrega de diplomas aos concluintes do Ginásio Nova Friburgo,

da Fundação Getúlio Vargas, o jovem Fernando Gomide da Fonseca, filho do jornalista Gonçalo da Fonseca, recusou a aceitar o prêmio de honra conferido ao paranoico governador Carlos Lacerda, sendo por isso muito aplaudido na hora e depois, na cidade. O fato teve muita repercussão em Nova Friburgo, principalmente porque o sr. Carlos Lacerda ficou muito irritado com a atitude do jovem estudante.

Universidade Patrice Lumumba: Abertas as Matrículas

Quem tiver o curso secundário completo, estiver em dia com o serviço militar e for menor de 35 anos, pode se inscrever de 1 a 15 de fevereiro vindouro — para prestar os exames de suficiência que selecionarão os candidatos a bolsas de estudo para a formação de técnicos especializados na Universidade da

Amizade dos Povos "Patrice Lumumba", da União Soviética.

A Universidade foi criada com a finalidade de colaborar com os países da Ásia, África e América Latina no seu desenvolvimento econômico-cultural; é uma entidade civil, não estatal, mantida por socieda-

des civis e sindicatos da União Soviética.

A tarefa de selecionar os candidatos a bolsas de estudos na Universidade Patrice Lumumba cabe, no Brasil, ao Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS, que também é sociedade civil e tem como objetivo difundir a cultura brasileira na

URSS e a da URSS no Brasil.

O Instituto Brasil-URSS funciona à Av. Franklin Roosevelt, 104 — Grupo 304, Rio, Estado da Guanabara.

Na foto, jovens de vários países, atualmente estudando em Moscou, passam pelas ruas da capital soviética.

Solidariedade Camponesa em Cabedelo Mostra Que Vida Melhor é Possível

Cabedelo, Paraíba (Do correspondente) — Cidade sem água potável, sem assistência hospitalar, sem maternidade (iniciou-se a construção de uma em 1955, mas até hoje não foi terminada), população vivendo em condições de miséria — é enorme o índice de prostituição, Cabedelo, entretanto, no dia 10 de dezembro, promessas de uma vida nova, ao constituir-se em palco de uma passeata de camponeses que foi uma grande demonstração de civismo, consciência política e solidariedade limitada.

A história da passeata começou há seis meses, quando, na rua do Bom Destino, um coqueiro, de propriedade de um tal Laudino, caiu em cima do casebre de João José da Silva, que pediu ao filho de Laudino, Vavá, dono do cinema "Apolo", que providenciasse a reconstrução de seu casebre. Vavá — que responde pelo pai — respondeu que não ia tirar do bolso 3 ou 4 mil cruzeiros para consertar "a casa de ninguém" e era o que precisava fazer era lotear

o local e vender os lotes a mais de 100 mil cruzeiros cada um; a exemplo de outros arrendatários da região.

João José apelou para todos os poderes — Judiciário, Legislativo e Executivo — de Cabedelo, e nada. Então, queizou-se à Liga Camponesa de Santa Rita, da qual é associado, e no mesmo dia mais de 500 homens se reuniram e reconstruíram o casebre em pouco tempo — e ainda por cima derrubaram os outros coqueiros do lugar. Atendendo ao pedido dos moradores de uma outra rua, a Campina da Vila, arrancaram mais 12 coqueiros ainda.

O movimento de solidariedade dos camponeses com o companheiro João José teve o apoio dos sindicatos dos esportistas, ferroviários e armadores, inclusive trabalhadores na reconstrução do casebre de João José, coletaram mais de 30 mil cruzeiros, para o lance.

Depois de tudo, houve discursos.

Bondes e telefones também paralisaram Light e Lacerda Levam Trabalhadores à Greve Que Deixou GB Sem Gás

A paralisação de 25 mil trabalhadores do Grupo Light levou a Guanabara a acordar sem gás e sem bondes no dia 15, enquanto que os telefones, depois de passarem a funcionar com baterias, entraram em colapso nas últimas horas do dia.

Os trabalhadores do Light incluem os operários da produção de energia que, devido à orientação do Sindicato, mantiveram-se em estado de alerta, apenas nos serviços de manutenção para que a cidade não fosse levada a um colapso total, decidiram deflagrar o movimento paralisando o movimento paralisando os serviços de manutenção de um acordo salarial, repudiado pela empregadora que, intransigentemente, não cedeu às propostas dos trabalhadores nem mesmo depois de um movimento de advertência com a duração de 24 horas realizado no dia 14, durante o qual foram paralisados todos os serviços burocráticos e de manutenção.

dores sofriram as agruras da alta do custo de vida.

Realizados os últimos apelos à Light, para que o povo não ficasse sem gás e, possivelmente sem luz, os trabalhadores decidiram resolver numa assembleia geral os rumos da luta salarial, que só podiam conduzir à greve. Ainda assim o primeiro movimento foi de advertência, e tal foi sua intensidade que convocou-se imediatamente uma reunião entre os empregados, a Light e o ministro Amauri Silva. A tentativa abortiu novamente, pois a Light decidiu requerer o dissídio coletivo ao TRT. A medida criminosa tomada pela Light poderá levar o carioca a ficar sem luz, telefones, bondes e gás.

Uma vez compreendida a magnitude, os empregados comunicaram ao Ministro do Trabalho e ao Presidente da República que não seriam responsáveis pelo que viesse a suceder, pois não é intento dos trabalhadores deixar a população em estado de calamidade. Diante disso o governo resolveu convidar as partes para uma nova reunião de conciliação no TRT, o que se deu às 16 horas do dia 15.

de serviço e bonificação de férias sem o teto existente de 50 mil cruzeiros. A todos esses itens os trabalhadores acrescentaram ainda o encerramento das despesas que a Light tem o hábito de fazer depois da celebração de acordos salariais.

Por outro lado, os operários não se cansam de repetir que a única solução para o problema da energia e do gás no Rio de Janeiro, que vem agora sendo agravado pelo racionamento, é a emancipação imediata de todo o grupo Light, e não o que foi feito na Companhia Telefônica, que depois de dois anos de intervenção federal continua dominada pelas mesmas pessoas e cometendo as mesmas arbitrariedades.

A Intransigência

A posição assumida pelo trust da Light nos últimos dias, dá bem uma mostra do desprezo daquela companhia pelos interesses da população, e particularmente pela vida de seus trabalhadores. Fundamentando sua argumentação na extemporaneidade do acordo, os advogados da Light só queriam discutir com os trabalhadores em abril, pois até abril o nível do custo de vida subira com a maior intensidade do ano, e assim, além de não considerarem esse índice nos primeiros meses do ano passado, o fariam agora, pressionando o Governo para elevarem as tarifas, medida à qual se opõem os trabalhadores.

A MEDICINA INJUSTA

"Mas uma vez escrevo a NOVOS RUMOS, a fim de ventilar assunto ligado à nossa medicina.

No Rio Grande do Norte, em particular, a situação das classes menos favorecidas, nesse setor, é muito precária. O povo, de modo geral, nem sequer pode ir ao consultório de um médico, pelo menos para identificar-se de que doença vai morrer... É o mais ridículo de tudo isto, consiste em alguém, todo empavonado, afirmar ser o regime sob o qual vivemos "livre e cristão".

Com referência aos preços dos medicamentos, nem é bom falar! Custam os olhos da cara dos trabalhadores.

Ultimamente, surgiu aqui um caso interessante: o garoto Rui Queiroz Neto, filho de um fotógrafo de Moçoró, é portador de lesão cardíaca. Dilheiro — o necessário para o contínuo em São Paulo, no sentido de o submeter a operações, os seus pais não possuem. São pobres. Não pertencem às elites privilegiadas desse País. Consequentemente, tal operação tem para eles valor de ouro. Obrigam-se, portanto, a sair pedindo esmolas a um e a outro através do Diário de Natal, pasquim dos Diários Associados. Precisam, no mínimo de oitocentos mil cruzeiros, quantia destinada ao pagamento de exames preliminares e da operação.

O slogan da campanha realizada pelo Diário mencionado é o seguinte: "Salvemos este menino".

Os representantes e defensores do "filantrópico regime capitalista" dão a entender que a salvação de Rui depende, exclusivamente, da caridade pública. Com isto eu não concordo. Ache ser o Estado o único responsável pelo amparo aos seus filhos. Caso contrário, não vejo motivo para alguém ser patriota. Só se for por ignorância.

Tenho ouvido falar muito em crianças desamparadas por aí, mas atitudes objetivas, transformadas em obras que de fato contribuam para diminuir os seus sofrimentos, praticamente não foram tomadas. O próprio governador do meu Estado fala demais em crianças, principalmente pelo rádio. Todavia, as condições gerais das crianças potiguaras são péssimas — excluídos os filhos prediletos de Deus... Os outros, segundo a concepção burguesa, merecem viver em mais extrema miséria, pois são peculatores... Creches, jardins de infância, parques infantis, hospitais, etc nada disto se vê por aqui, e por outros Estados da Federação. E se algo existe nesta espécie, não está ao alcance da maioria dos meninos — nascidos de operários.

Assim, não ver, e não há outra saída, a medicina brasileira não pode permanecer distante e insensível aos sofrimentos das massas oprimidas e dos seus familiares. As enfermidades e outras mazelas mais comuns, devastando a maior parcela do nosso povo, quanto a medicina vai-se tornando cada vez mais interessada... (Do prof. Euclides Nicolau da Costa — Natal, RGN).

CAMPONES LUTA POR TRABALHO

O Sindicato dos Lavradores de Ituverava (SP) vem transmitindo aos leitores a situação calamitosa por que passam os camponeses daquela região.

Os trabalhadores estão passando fome, não só devido à ausência de chuvas, mas também à falta de trabalho, porquanto os donos da terra não lhes querem dar serviços.

Em massa, os lavradores de Ituverava compareceram à Prefeitura local, a fim de conseguir alimentos para seus filhos. Na ocasião, o prefeito lhes disse que já havia dirigido dois telegramas ao governo estadual. Mas até hoje o sr. Ademir de Barros não deu a menor resposta.

Em seguida, os trabalhadores desfilaram pela Avenida Municipal; o mais que obtiveram, contudo, foi um donativo em alimentos que os sustentaria durante apenas três dias.

Para intimidar os camponeses e fazê-los desistir de seus protestos contra os "coronéis" da terra, o prefeito, por ocasião da repartição daquele donativo, mandou um grupo de 12 soldados massacrá-los. Mas os "soldados do campo" não se amedrontaram e persistem em sua luta.

"AOS TRABALHADORES E AO POVO EM GERAL"

Inicia-se um ano de grande importância para todos nós. No cenário político, grandes partidos disputarão a cadeira presidencial. Os grupos reacionários estudam dia e noite, a fim de apresentar melhores figuras; e os que têm melhor linguagem, a fim de conquistarem essa cadeira. Eles aparecem com roupageiro diferente, mas o conteúdo é o mesmo.

Pode ser que os representantes desses grupos reacionários sejam eleitos. Mesmo que isto aconteça, os trabalhadores de todas as categorias continuarão suas lutas através de seus sindicatos e outras entidades ou filiações. Aonde estiver um grupo de lutadores, ali estará sua força e capacidade, tornando-se assim num exército invencível que não se submeterá à exploração, venha ela de onde vier.

Olhando para o presente, pensamos em nosso futuro; e analisando o panorama político mundial, deparamos com que as correntes progressistas avançam, países pequenos se libertam da exploração em que vivem, varrendo do seu caminho tudo que o impede de progredir.

Com a proximidade das eleições, devemos aproveitar para eleger um presidente que seja realmente um representante das forças nacionalistas, um governo de coalizão, com vínculos nacionalistas e populares.

Fazemos um apelo, através desse porta-voz dos trabalhadores às famílias brasileiras para que auxiliem aqueles que não sabem escrever e tenham vontade de votar: dediquem alguns minutos; ensinam-lhes a escrever, sejam eles parentes, vizinhos ou amigos". (Da leitora Dulce Rodrigues Pereira — GB).

O ESTADO CAPITALISTA E OS TRABALHADORES

Com o título acima, recebemos o trabalho do sr. Orlando Soares, do qual ressaltamos algumas passagens.

Referindo-se às formas de opressão que o Estado capitalista assume em relação aos trabalhadores, diz o sr. Orlando: "Aliás, não causa espanto esse comportamento dos órgãos estatais, de vez que os mesmos são geralmente dominados pelos grupos econômicos interessados em manter velhos e odiosos privilégios, resistindo e lutando com todas as suas armas e forças contra qualquer movimento progressista. Basta verificar, por exemplo, o caso do Congresso Nacional, cuja maioria dos parlamentares é composta de figuras retrógradas, representativas dos interesses dos latifundiários, dos banqueiros, dos monopolistas e dos trusts internacionais."

Depois de considerar que "algumas vezes, esses órgãos e setores estatais sofrem a influência de espíritos progressistas e democráticos, que possibilitam uma gestão de liberdade e compreensão", afirma o articulista: "De qualquer forma, porém, o Estado capitalista não ocupa a sua feição de órgão que assegura e legaliza a opressão e a exploração de uma classe por outra, e que tantas vezes sacrifica os mais altos interesses nacionais, sob a pressão dos grupos econômicos, como por exemplo a recente atitude dos setores financeiros do governo, negando as divisas necessárias à Petrobrás, apesar de a empresa já ter depositado no Banco do Brasil os cruzeiros necessários, ameaçando assim os superiores interesses do monopólio estatal do petróleo e, conseqüentemente, a emancipação e a soberania nacionais."

POESIA

Do trabalho que nos enviou Marina Regia Saraiva (SP), intitulado "Dã-me a tua mão", destacamos a seguinte passagem: "Vem, Camponês, desespere na cidade... Os fazendeiros te esperam na cidade... Para negar-te o direito de vida; Porém também amigos, e te ajudarão. Vem, dá-me tua mão, Lá te espera a Fraternidade."

CORRESPONDÊNCIA

— AUBERICO G. OLIVEIRA (Salvador) — Nesta página de NOVOS RUMOS, encontram-se informações sobre o que nos pede.

— "SEM PROTEÇÃO DA LEI" — Uma comissão de trabalhadores do Sindicato dos Foguistas esteve na redação de NOVOS RUMOS, agradecendo a nota publicada por este jornal em seu n.º 254 sob o título acima. A comissão era composta dos seguintes trabalhadores: José Alves de Araújo, Samuel Andrade, Pedro Paulino, João Adalberto, Depenedo Rodrigues e Ademir Mello.

— SUBTENENTES E SARGENTOS — A Associação Reintegrada dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Ceará tomou conhecimento das últimas ocorrências em que estão envolvidos vários Sargentos das Forças Armadas sediados nos Estados de S. Paulo e Guanabara, por detentarem os direitos que a lei lhes facultava, vem torar pública sua irrestrita solidariedade aos seus companheiros ora injustiçados.

— DISCURSO — Recebemos o folheto impresso com o discurso de término de curso dos humanistas de 1963 do Colégio Estadual do Ceará, proferido pelo estudante Roberto B. Silveira. Já noticiamos em nosso n.º 254 de 3 do corrente.

DUAS GRANDES OBRAS DE JOHN REED

10 DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

O mais impressionante e fiel relato da Revolução Soviética preço: Cr\$ 1.000,00

MÉXICO REBELDE

Faz-nos reviver, num estilo vibrante, fatos da Revolução Mexicana e homens como Pancho Vila e Francisco Madero preço: Cr\$ 490,00

Adquirir essas obras pelo Reembolso Postal na LIVRARIA DAS BANDEIRAS Rua Riachuelo, 342, loja 2 SAO PAULO (Capital)

Camponês Pernambucano Come Carne e Toma Leite

Reportagem de José Almeida (1.ª de duas)

Sim, tinha razão o IBAD quando se atirou tão desesperadamente, com tamanha massa de recursos, lançando mão de todos os processos possíveis e imagináveis do suborno, da fraude e da corrupção, para impedir a eleição de Arraes em Pernambuco. Mas, como se sabe, apesar de tudo isso o IBAD perdeu e com ele também o seu candidato derrotado ex-governador Cid Sampaio e outros mais. Hoje, mesmo não tendo transcorrido sequer um ano de sua memória, Miguel Arraes, pode-se ver o quanto perdeu a reação em Pernambuco nas eleições de 33. E, também, o quanto ganharam as massas populares, os trabalhadores, e notadamente os assalariados rurais, para os quais o governo popular de Arraes significava a possibilidade de viverem com um mínimo de dignidade de lutar pela derrogação de odiosas privilégios, hábitos e práticas feudais que até então poderiam sobreviver à sombra de um poder político comprometido com o passado.

Falando em São Paulo, a uma assembleia de industriais, o governador Miguel Arraes remarcou o fato de que os latifundiários de Pernambuco ainda não se haviam comprometido de que já não era um deles que estava no poder. Realmente, durante recente estada em Pernambuco, nos numerosos contatos que mantivemos com trabalhadores rurais, líderes sindicais, personalidades do governo, intelectuais em conversas com o homem da rua pudemos verificar que aquelas palavras de Arraes são rigorosamente verdadeiras. O governo pernambucano já não é ocupado por um latifundiário, mas sim por um homem comprometido com a causa do progresso e da emancipação do País.

Ontem e hoje

Em qualquer parte do Brasil, 30 mil cruzeiros por mês são um salário irrisório. E não é certamente, por ser uma baixa remuneração que os trabalhadores rurais pernambucanos que hoje o percebem, dão graças por isso ao governador meu pai Arraes. Diz a sabedoria popular que só sabe o que é bom quem já conheceu o que é ruim. Será esse, sem dúvida, o caso dos 150 mil assalariados rurais da zona do açúcar — a chamada Zona da Mata — no mais importante Estado nordestino. No instante em que Arraes subiu ao governo os salários pagos, por dia naquela região variavam segundo o depósito do próprio sr. Cid Sampaio — entre 85 e 200 cruzeiros. Por mês, a média dos salários podia ser estimada em torno de 5 mil cruzeiros. Era assim em janeiro de 1933 e assim continuou até junho, quando foi conquistado o salário mínimo de 503 cruzeiros por dia nos canaviais de Pernambuco.

Vejam-se bem: cinco mil cruzeiros por mês. Que se pode comprar com essa quantia? Fajinha de mandioca, sal, tempero, meio quilo de charque para ser consumido durante um mês por uma família e pouco mais. Mas, pode ser considerada existência humana a de quem compra apenas fajinha, sal, charque e uma garrafa de querosene? De fato, os milhares de trabalhadores pernambucanos, de cujas mãos saía e continuava saindo a riqueza de meia dúzia de usineiros e senhores de engenho viviam numa condição próxima da de bichos. Do ponto de vista econômico estavam marginalizados, eram brasileiros para os quais não contava o progresso do País.

O sr. Luiz Portela, ex-prefeito de Palmares, um dos maiores municípios da Zona da Mata, é também grande proprietário de terras.

Conto é que, certa vez, estando em uma das suas fazendas, foi procurado pelo filho de um morador que lhe tentava assinar um pedido do pai: queria que o fazendeiro fizesse depressa a casa do trabalhador, levando o remédio, pois uma de suas meninas fora mordida por um lacrau (escorpião). A fim de ganhar tempo, o sr. Portela ordenou ao menino que voltasse correndo para casa e dissesse ao pai para colocar a menina na cama sobre uma mesa, pois é crente na região que as dores passam quando a pessoa é enterrada. É isolada do contato com o solo. Foco depois ao chegar ao casebre do trabalhador, com o remédio pedido, só então notou o fazendeiro que sua recomendação não poderia ter sido observada pelo simples motivo de que não havia mesa nem qualquer outro móvel na casa. O fato narrado pelo sr. Portela, atualmente suplente da bancada federal do PSD e homem de posição progressista, está longe de ser uma exceção; era e ainda é o mais comum na Zona açucareira em Pernambuco e muito mais ainda na faixa úmida dos Estados vizinhos — Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia.

As coisas mudaram

Trinta mil cruzeiros são um baixo salário, mas, mesmo assim, representam um aumento de 500 por cento conquistado, no curto espaço de cinco meses. Em junho os salários passaram da média mensal de 5 mil cruzeiros para pouco mais de 15 mil e em novembro, com a vitoriosa greve pelos 80%, cresceram para cerca de 30 mil, aí computada a parcela correspondente ao 13.º salário.

Calculando-se em 150 mil o número de assalariados agrícolas na zona açucareira de Pernambuco, encontramos para a região, um fluxo monetário de 750 milhões de cruzeiros por mês em salários, até o mês de abril ou maio. Atualmente, sendo de 30 mil cruzeiros mensais a remuneração mínima do trabalhador da lavoura canavieira aqueles 750 milhões passaram a ser pelo menos quatro bilhões e meio, o que significa quatro bilhões e meio de cruzeiros nas mãos do povo para comprar alimentos, roupas, móveis, objetos de uso caseiro enfim mil e uma coisas, entre as quais estão o querosene e o perigoso inimigo do sossego feudal que se chama rádio-transistor.

Aqui vão alguns depoimentos que me foram prestados por diferentes pessoas, em diferentes lugares acerca do aumento do consumo da massa de trabalhadores rurais em Pernambuco.

— Em Nazaré da Mata, cidade situada ao norte de Recife, matavam-se antes 10 bois por feira. Agora, batem-se de 30 a 40 bois e se as famílias ilustres da cidade não se movimentarem de véspera, os melhores pedaços vão mesmo para os trabalhadores, os rurais, que os pagam a 600 cruzeiros o quilo e reclamam sempre bons pesos.

— Muitos habitantes do Recife têm o hábito de dirigir-se aos domingos às cidades vizinhas, a fim de comprar gêneros mais em conta nas feiras. Agora, segundo ouvimos de vários deles, as duas ou três de tarde a feira já acabou e por isso é preciso chegar cedo.

— Em Palmares, de acordo com os mapas oficiais da Prefeitura, abatiam-se até 6 meses atrás, de 18 a 20 rezes aos sábados para as feiras dominicais. Agora, matam-se uns 60 bois, outros tantos porcos, carneiros em grande número, há na feira 8 em vez de 2 bancas de carne de sol (quatro toneladas agora, contra cerca de uma tonelada antes). Pois bem. As 3 horas da tarde não há mais carne à venda.

De táxi

Vivendo miseravelmente a vida mais miserável, praticamente sem nada comprar nem vender, e, de repente, vindo-se com dinheiro na mão, é compreensível que no princípio muitos se atrevessem com o dinheiro. Em Palmares, por exemplo, se 4 trabalhadores, alugarem um carro, após a feira, a fim de regressarem para o engenho. Não é um caso ou outro isolado, não. O número de carros de aluguel, registrado oficialmente em Palmares (fômes e camionetas, principalmente), passou de 9 (antes de junho) para 43. Os veículos são contratados com uma feira de antecedência e os motoristas não têm mãos a medir. Aos domingos é muito difícil para um cidadão desprevidido encontrar livre em Palmares um carro de aluguel.

É curioso, é fato o modo como reagem alguns comerciantes diante das exigências dos compradores. Ficam eles indignados porque os trabalhadores, agora, reclamam a qualidade dos tecidos, por exemplo. "Só querem tecidos de 1.500 ou 1.800 cruzeiros o me-

tro. São uns ignorantes" — dizem alguns comerciantes indignados. Não se deve pensar que tal reação é devida a alguma preocupação dos comerciantes em que os compradores adquiram maior quantidade de mercadorias. Nada disso. É que, ao preferir tecidos mais caros, deixam catocados, sem saída os panos baratos, justamente aqueles que os barraqueiros estavam habituados a comprar para vender nas feiras.

Salários, preços, impostos

Não são raros os lares de assalariados agrícolas em que trabalham além do marido, a mulher e um ou dois filhos. Anteriormente as mudanças isto significava uma receita mensal conjunta de 12 ou 15 mil cruzeiros. Agora, com o salário de 30 mil cruzeiros e a garantia do pagamento desses 30 mil cruzeiros — pela ação dos sindicatos e do espírito de luta dos trabalhadores — registram-se casos de famílias com receitas mensais de 80, 90 e até 100 mil cruzeiros. Os machadeiros, por exemplo, podem ganhar até 2 mil ou 3 mil e 500 cruzeiros por dia. Na Usina Igarassu, não é pequeno o número de assalariados que conseguem fazer 2 mil e 500 cruzeiros por dia, realizando o dobro do trabalho estabelecido para a tarefa diária.

Mas, essa elevação do salário nominal não esgota os benefícios que a massa de trabalhadores rurais está colhendo sob o governo de Miguel Arraes. Como se sabe, anteriormente, além de ganhar miseravelmente, o trabalhador muitas vezes não via sequer a cor do dinheiro, devido ao sistema das barracões. A fim de poder manter-se com sua família, o assalariado era retirando do barracão da usina ou do engenho os parcos gêneros que podia comprar com os 5 mil cruzeiros mensais que percebia, aos preços brutalmente elevados e imperantes. Pode-se dizer que, em média, os preços do barracão eram 100% mais elevados do que os estabelecidos no Recife, para as mesmas mercadorias.

Com a possibilidade de fazer as compras também no comércio das cidades, pois passaram a dispor de maior volume de dinheiro, os trabalhadores também passaram a ter a possibilidade de comprar onde os preços foram mais baixos. Com isso, o barracão anacrônico foi gotejando a fundo e sua tendência segura é desaparecer.

Mas, visando a oferecer ao povo os gêneros básicos a preços mais acessíveis, o governo estadual desenvolveu também a Companhia de Revendas e Colonização —

crédito extraordinariamente desde a gestão de Miguel Arraes na Prefeitura do Recife. Basta dizer que a organização sindical dos varejistas passou de uns 200 associados, em 1938-39, para cerca de 5.000 atualmente. "Hoje eles têm uma boa sede sindical e empregam até secretários" — disse-me, com ar jovial, o secretário da Fazenda de Pernambuco, João Guerra, um rapaz de 28 anos que Arraes trouxe do Banco do Nordeste e o acompanha desde a Prefeitura. É um tipo extremamente vivaz. Exibe-me um quadro da arrecadação estadual na Zona da Mata — "antes" e "depois" de Arraes. Em outubro de 1932, o Estado arrecadou cerca de 90 milhões de cruzeiros em 22 municípios. Este ano, nos mesmos lugares, a arrecadação passou a mais de 225 milhões.

Aumento de imposto? Não houve. Pelo contrário, a incidência do imposto de vendas e consignações sobre o feijão, o milho, o charque, a farinha e o arroz foi reduzida em um terço para baixar os preços de gêneros de amplo consumo popular. A causa da melhoria é outra: aperfeiçoamento do aparelho arrecadador e seriedade administrativa. Graças a esses métodos de governo, Pernambuco pôde virar o ano com um pequeno superávit no orçamento, apesar de toda a inflação. Certamente, não se pode ignorar a melhoria nos preços do açúcar e o aumento vertical das transações, com a redistribuição da renda, através das elevações salariais. Mas, não é a primeira vez que o açúcar sobe de preço. Pelo primeira vez, sim, Pernambuco tem um governo popular. Já não é um latifundiário quem ocupa o Palácio das Princesas.

Dessa forma, elevando o salário real dos trabalhadores através da venda de gêneros a preços mais baixos e utilizando-se da rede de estabelecimentos varejistas a CRC só não traz benefícios ao grande comércio atacadista — um dos principais responsáveis pelas distorções no abastecimento não apenas em Pernambuco, como no Rio, em São Paulo e em todas as grandes cidades do País. Quanto ao comércio varejista, tem pro-

Condições materiais e consciência

Algumas pessoas, sinceramente interessadas na transformação revolucionária do nosso País, expectam sobre as melhorias alcançadas pelos trabalha-

dores rurais em Pernambuco — e cuja reflexão se projetam já em todo o Nordeste — não seriam um fator de arrefecimento do espírito de luta daquela população. Nesse caso, os benefícios agora colhidos funcionariam como uma espécie de narcótico sobre as massas, do que se aproveitariam os exploradores para prolongar a situação atual.

Sem entrar em considerações mais profundas, penso que não existem maiores fundamentos para se tirar tal conclusão. Antes de tudo, a melhoria obtida nas condições materiais de vida foi fruto da luta da própria massa rural organizada nas Ligas Camponesas, nos Sindicatos, nas Associações Rurais. Não foi uma outorga, como não está sendo uma dádiva a garantia de que as conquistas alcançadas sejam respeitadas pelos usineiros e senhores de engenho. Não há qualquer indício, isto sim, de que estes últimos venham a arrefecer a tenaz resistência que opõem às conquistas dos trabalhadores. Não se passa uma semana, atualmente, em Pernambuco, sem que pelo menos um engenho esteja em greve. Ninguém faz greve por prazer e os assalariados rurais pernambucanos só vão à luta para defender seus direitos ou conquistar novos. Sem dúvida um elemento importante com que os trabalhadores contam agora em Pernambuco é o fato de que a população já não está indo dos usineiros e senhores de engenho. E, enfim, o clima da democracia que todos respiram em Pernambuco — todos, e não apenas os usineiros e grandes comerciantes, como acontecia até aqui — e que levou o jornalista Antônio Callado a escrever honradamente e com absoluta veracidade que Pernambuco é o Estado mais democrático do Brasil. Finalmente, é oportuno lembrar que dois terços dos 150 mil trabalhadores rurais de Pernambuco acham-se sindicalizados, havendo um sindicato, como o de Palmares, que reúne nada menos de 35 mil associados. Destes temas e de outros aspectos da atual administração de Pernambuco tratarei na próxima reportagem, para que os leitores possam melhor compreender porque é intocável, em minha opinião, o mandato de Arraes.

DE PAGINA — encide

INSTANTANEOS

O título desta crônica deve ser: Instantâneos da hora presente. Esta crônica está perdida em assuntos os mais diversos e como a crônica jornalística deve ser sempre marcada pelo cotidiano vou enumerar meus assuntos, que são também protestos:

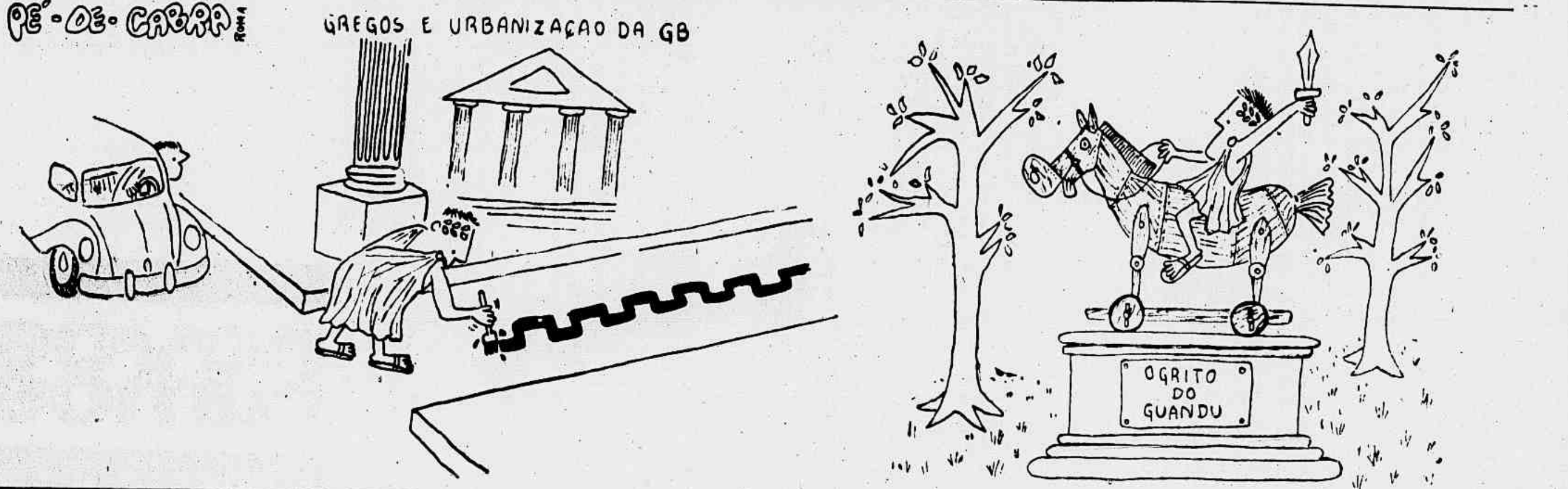
1 — O administrador da Quinta da Boa Vista é um feroz inimigo das crianças. Em qualquer parte do mundo, principalmente nos países que se intitulam civilizados, as crianças são parte integrante dos jardins, com as flores, os passaros. E também, em outras horas, os namorados. Impossível um parque ou um jardim sem crianças. Pois bem, para a mentalidade tremenda desse administrador nada na Quinta pode ser dado às crianças. Proibiu que elas jogassem bola ali (que país, ou melhor, que Estado é este onde se proíbe a criança de jogar bola?) que andassem no cavallinho, um pobre cavallinho que por ali brinca sendo pago para dar aos pequeninos, por alguns minutos, o direito de posar com vaqueiros, com os "mocinhos" dos filmes de farwest, etc. Mas não ficou nisso, agora, segundo leio nos jornais, o furioso administrador proibiu também as crianças a vizinhança do velho parque a ele não têm direito! Direta e indireta. E ninguém dá nada, ninguém protesta, ninguém vem mostrar de público que isso é uma arbitrariedade e mais: um crime. Negar às nossas pobres crianças que vivem, quando ricas, prisioneiras de arranha-céus, quando pobres mesmo, na miséria e no desconforto, o direito de correr, pular, jogar bola, andar de bicicleta na Quinta da Boa Vista é — repito — um crime, contra o qual protesto.

2 — Que coisa monstruosa a narrativa diária do que acontece também diariamente nas prisões desta cidade atualmente. O campo de concentração do Alto da Boa Vista, cercado de arame farpado eletrificado e ainda com cerca de 400 metrômetros de de estacões, qualquer pessoa normal (veja bem, normal!) quase mil homens está lá presos, uns por culpa formada, outros por implicância de um "tira" qualquer. Vocês viram a narrativa do jovem operário Adalberto Dias Salgado? Aquilo é um campo de concentração modelado pelo de Hitler. E as reportagens nas quais Célia Lima conta o que é a prisão de mulheres em Bangú? Tudo é tão impressionante que até eu, que conheço bem as prisões brasileiras, fico em revolta. Protesto.

3 — Protesto também contra o que o governador CL acaba de fazer: convidar arquitetos gregos para planejar prédios na Guanabara, como se neste País de Oscar Niemeyer não houvesse grandes, fabulosos arquitetos. Protesto.

Como vocês vêem, companheiros, há assuntos demais para pequenos espaços. Protestemos contra esses três crimes que estão acontecendo agora, neste momento, diante de nossos olhos.

P.S. — Bilhete a Olympio de Mello: meu prezado, não pude comparecer ao almoço em tua homenagem. Um compromisso anterior impediu-me, o que não impede que te afirmo aqui minha inteira solidariedade e meus aplausos pela tua nomeação — justíssima — para ministro do Tribunal Superior do Trabalho. Ninguém melhor do que tu representará nesse tribunal os empregados.



O Crime do Panamá

A EXISTÊNCIA do Panamá data de 1903. O seu território era, até então, um departamento da Colômbia. Naquele ano, os governos norte-americano e colombiano assinaram um tratado, pelo qual era transferida aos EUA a soberania sobre a faixa de terra que seria mais tarde conhecida como «zona do canal». O tratado despertou os brios patrióticos do povo colombiano, que saiu às ruas em impressionante movimento nacional de protesto. Tão grande foi a indignação popular que o Senado da Colômbia, em agosto de 1903, recusou sua aprovação ao vergonhoso acordo antinacional.

Os imperialistas yanques não vacilaram. No mesmo ano, no território onde queriam construir o canal, «desencadeia-se» um movimento separatista, que termina no dia 3 de novembro com a «proclamação» do Panamá como República. No dia 6 o novo governo foi reconhecido e já no dia 18 foi firmado o «tratado do canal». O próprio New York Times reconheceria, mais tarde, naquele movimento separatista «um exemplo de imperialismo cru».

O «tratado» foi assinado pelo secretário de Estado dos EUA, John Hay, e, por parte do Panamá, pelo aventureiro francês Philippe Bunau-Varilla — «por coincidência», o maior acionista da companhia concessionária da construção do canal. Tudo, como

se vê, no mais típico e infame estilo colonial ou, melhor, «panamericano».

Assim, o Panamá nasceu como um verdadeiro protetorado dos Estados Unidos. O Art. 1.º do «tratado» estabelece que «os EUA se comprometem a garantir e a manter a independência do Panamá» — o que, por si só, desmente totalmente qualquer ideia de independência. O «tratado» garante aos EUA a jurisdição, «a título perpétuo», de uma faixa de oito quilômetros de cada lado do canal. A autoridade exercida na zona do canal compete por completo aos Estados Unidos, «com absoluta exclusão do exercício de tais direitos soberanos, poder e autoridade pela República do Panamá». Outro artigo do «tratado» estabelece que «nenhuma mudança no governo, nas leis e tratados da República do Panamá afetará, sem o consentimento dos Estados Unidos, direito algum dos Estados Unidos, de acordo com esta Convenção». Em troca de toda essa abjeção colonialista, os Estados Unidos se comprometiam, em 1903, a uma contribuição anual de 250 mil dólares para o Tesouro do Panamá.

A luta contra esse tratado humilhante foi sempre a bandeira dos verdadeiros patriotas panamenhos. Graças a essa luta, alguns dos seus dispositivos foram parcialmente alterados, sem que com isso, no entanto, se modificassem as relações de me-

trópole para colônia entre os Estados Unidos e o Panamá. Em 1952, o presidente José A. Remón, refletindo a indignação nacional jamais arrefecida, dirigiu-se ao governo norte-americano pedindo modificações essenciais no «tratado». Duas exigências básicas eram feitas: a passagem do canal para as mãos dos panamenhos e a anulação das bases militares implantadas no país pelos EUA. Remón levou pessoalmente essas reivindicações a Washington. Ao voltar, foi assassinado em circunstâncias que permanecem até hoje envoltas em impenetrável mistério.

O estatuto colonial praticamente imposto ao Panamá pelos imperialistas norte-americanos condena o povo panamenho a condições de vida as mais intoleráveis. Sua soberania nacional reduz-se a uma grosseira ficção. O poder efetivo no país é exercido por um «governador» norte-americano, que tem às suas ordens numerosos corpos de fuzileiros navais, e pela chamada Guarda Nacional, formada e dirigida pelos militares yanques.

Economicamente, é dramático o atraso do Panamá. Cerca de 75% de sua população vivem (ou morrem) no campo, onde a United Fruit Co., encoberto-se com o nome de Chiriqui Land Co., paga salários que giram em torno de 50 dólares anuais. É avassalador o desemprego: de 300.000 paname-

nhos em condições de trabalhar, 50.000 são desempregados ou subempregados.

Além de tudo, os imperialistas norte-americanos submetem o povo panamenho às mais odiosas formas de discriminação. Começa a discriminação pela condição nacional: enquanto aos americanos são assegurados todos os privilégios, os panamenhos e demais latino-americanos são tratados da maneira mais humilhante. É característica, nesse sentido, a resistência dos yanques em cumprir uma das cláusulas do próprio «tratado» colonial: a que obriga o içamento da bandeira do Panamá ao lado da bandeira dos EUA. Há uma brutal discriminação nos salários: certas atividades, as mais bem remuneradas, são virtualmente monopolizadas pelos yanques e seus serviços. Mas quando um operário panamenho ou de outro país latino-americano realiza o mesmo serviço, recebe salários em média cinco vezes menores que os pagos aos «brancos».

O infame saque colonial, o sistemático desprezo pelo sentimento nacional dos panamenhos, a brutalidade do ocupante imperialista tornam irreprimível o anseio de independência e liberdade do povo do Panamá. Esse anseio ganhou as ruas, converteu-se em luta heróica — a luta que hoje comove todo o mundo e anuncia a próxima libertação do Panamá.

Bandeira Foi Estopim

O INCIDENTE ocorreu na tarde de quinta-feira, dia 9, quando estudantes panamenhos foram massacrados pelas tropas norte-americanas, que impediam o hasteamento da bandeira panamenha, foi na verdade o estopim que desencadeou uma explosão na zona do canal. Uma explosão cujas causas eram mais remotas e que já vinham germinando em um crescente descontentamento da população humilhada.

Estudantes norte-americanos, ofendendo proposadamente os sentimentos nacionais dos jovens panamenhos, hastearam a bandeira do seu país, opondo-se a que fosse hasteada a do Panamá, conduzida por manifestantes, que protestavam contra a provocação yanque. E a bandeira do Panamá acabou sendo rasgada por policiais e civis norte-americanos. A divulgação de mais essa torpe provocação levou milhares de panamenhos a saírem às ruas e se dirigirem à zona do canal. Dizem as notícias que eram 15 mil cidadãos panamenhos, concentrados na Avenida Kennedy, que separa a zona do canal da cidade do Panamá. Tropas norte-americanas lançaram-se contra os manifestantes, num verdadeiro massacre, com dezenas de mortos. No dia seguinte, a situação continuava tensa e mais de 40 mil panamenhos prosseguiram nos protestos, contra os Estados Unidos, sendo nova e violentamente ata-

cados pelas forças yanques, com novos mortos e centenas de feridos.

Tais foram as arbitrariedades cometidas, que o governo panamenho, que não tem primado pelas atitudes de independência, viu-se forçado, diante do clamor popular, a tomar posições mais firmes, que culminaram com o rompimento de relações diplomáticas com os EUA.

Ao mesmo tempo em que tomava essas medidas, o governo panamenho exigia dos Estados Unidos, entre outras condições para a solução do problema, o livre acesso à zona do canal para os cidadãos panamenhos, a revisão do acordo sobre o canal do Panamá, bem como o pagamento aos panamenhos de salários e os mesmos direitos de que gozam os trabalhadores norte-americanos.

O conflito, como é claro, teve intensa repercussão mundial. O governo norte-americano foi duramente criticado pela imprensa de todos os continentes, tanto dos países capitalistas como dos socialistas. Protestos populares se fizeram ouvir em vários países e particularmente para os povos da América Latina, mais clara ficava a verdadeira face do imperialismo norte-americano. O embaixador do Panamá no Brasil, em energias declarações à imprensa, ressaltava que a humilhação imposta pelos EUA a seu país, desde os primeiros anos deste século, não tinha apenas o caráter econômico: a dis-

criminação racial, a odiosa segregação, era imposta aos panamenhos dentro de seu próprio país.

O ministro das Relações Exteriores do Panamá, em nota ao governo de Washington, em que comunicava o rompimento de relações, diz que «o inqualificável incidente reviveu episódios do passado que acreditávamos não voltassem a ocorrer em terras da América».

Mas um dos fatos de maior relevo nos últimos acontecimentos, foi que o Panamá não recorreu à Organização dos Estados Americanos (OEA). Passou por cima dessa falida (agora mais do que nunca) entidade, reconhecida como inteiramente dócil ao Departamento de Estado, e dirigiu-se à ONU, através de seu representante, sr. Aquilino Boyd. Este, ao pedir reunião urgente do Conselho de Segurança, reafirma que seu país foi «vítima de um ato flagrante de agressão contra seu território e sua população civil por parte das forças armadas estacionadas na zona do canal». Denunciou os preconceitos raciais, o desprezo pelas tradições e pelas convenções que reconhecem os direitos panamenhos, como a presença da bandeira de seu país. E exigiu medidas severas, para liquidar aquela «estatuto atual, estatuto iníquo». Exige a nacionalização ou internacionalização da zona do canal e afirma que o governo yanque jamais ouviu as reclamações panamenhas.

O governo brasileiro, através de seu representante no Conselho de Segurança da ONU, embaixador Carlos Alberto Bernardes, tomou posição destacada nos acontecimentos. A proposta brasileira foi aprovada pelo Conselho, no sentido de que seu presidente, Renan Cartilho Justiniano, dirigisse um apelo urgente aos governos dos Estados Unidos e do Panamá, para que se imponha a cessação de fogo aos militares. Ambos os países em conflito aceitaram a proposta.

O representante norte-americano, em uma intervenção plena de lamúrias, tudo fez para retirar do Conselho de Segurança a discussão do problema. Chegou a pedir ao Conselho que «deixe a Comissão de Paz da OEA cumprir sua missão» e acrescentou que «seria melhor que um conflito regional fosse resolvido por um processo regional». O delegado soviético, Nikolai Fedorenko, pediu a imediata intervenção do Conselho de Segurança no problema e a imposição de medidas por parte da ONU «para pôr fim aos assassinios em massa». Acrescentou que a Organização dos Estados Americanos não pode resolver sozinha a questão, «que tem um caráter mais do que regional».

Enquanto os imperialistas norte-americanos insistem em retirar-se da OEA, o assunto continua em pauta no Conselho de Segurança, sob a vigilância dos povos.

Mentira e Insulto

LAGRIMAS de crocodilo — é o mínimo que se pode dizer das lamentações com que, no Conselho de Segurança da ONU, o delegado norte-americano Adlai Stevenson tentou responder à vigorosa denúncia ali feita pelo representante do Panamá contra os Estados Unidos. Recorrendo aos limites extremos do cinismo, declarou Stevenson, em arrobos de falso sentimentalismo, que o seu governo sentia profundamente pelos fatos ocorridos no Panamá.

Apesar do tom de lamúrias, entretanto, o representante yanque, em essência, falou como um porta-voz autêntico do imperialismo. Disse que os soldados norte-americanos foram provocados, não fazendo senão responder aos ataques de que teriam sido vítimas. De resto, nada adiantou que pudesse indicar a disposição de encontrar uma solução partindo do respeito à soberania panamenha.

No mesmo dia, o secretário de Estado Dean Rusk, em entrevista à imprensa, e sem precisar recorrer a qualquer tipo de lamúrias — pois não falava num fórum internacional — fixou-se em dois pontos: 1) os soldados norte-americanos foram covardemente agredidos por uma malta de fanáticos panamenhos, para isso instigados pelos «agentes do comunismo-castrismo»; 2) o governo dos Estados Unidos não está disposto a tomar conhecimento da denúncia do Panamá, não admitindo sequer a ideia de anulação do tratado colonialista de 1903.

É, como se vê, uma atitude insolentemente imperialista assumida pelo governo norte-americano,

através do secretário de Estado Dean Rusk. É claro que, ao mesmo tempo, os círculos dirigentes de Washington precisam coonestar essa posição. Como o fazem, porém? Apelando para o seu «ministério das colônias», a desmoralizada OEA, que logo organiza uma «comissão de investigação», composta por dois panamenhos, dois norte-americanos e... um dirigente da OEA.

Que se pode concluir das palavras de Dean Rusk?

Primeiro, há nelas um insulto inominável aos patriotas panamenhos, confundidos com um bando de malfeteiros. O que houve foi uma explosão de ódio nacional contra a conduta ultrajante dos colonizadores. Rusk disse que os norte-americanos foram provocados, mas o que fazem eles no Panamá? Ocupam militarmente o país, espoliam miseravelmente a sua economia, submetem o povo a toda sorte de humilhações. O incidente da bandeira foi um apenas, o último, numa série interminável de provocações, que vêm desde 1903. Como pode afirmar o chefe da diplomacia yanque que a revolta foi fruto de uma conspiração «castrista»? E as revoltas anteriores? E a greve geral de 1923, teria sido também instigada por Fidel Castro? E o assassinato do presidente Remón, em 1952, logo após reivindicar a denúncia do «tratado» de 1903 e exigir a retirada das bases norte-americanas do território panamenho? A verdade é que os patriotas do Panamá jamais cessaram a sua luta nacional contra a infame domi-

nação e os monstruosos privilégios exercidos pelos yanques.

Depois, evidencia-se das palavras de Rusk que Washington considera um direito sagrado seu submeter o Panamá ao humilhante estatuto colonial que converte aquele país num verdadeiro protetorado. E em nome de quê? da «solidariedade continental», da «fraternidade interamericana»? Se o povo panamenho, senhor de seu território e de sua pátria, decide que o saque norte-americano não pode continuar, com que direito o sr. Dean Rusk pisoteia a vontade desse povo — vontade expressa com luta e sangue, com a bravura e o sacrifício dos jovens covardemente fuzilados pelos «marines»?

A opinião pública da América Latina e de todo o mundo está decididamente ao lado dos patriotas panamenhos. Os povos condenam com a maior indignação o crime cometido pelos agentes do imperialismo yanque no Panamá e exigem que a ONU puna exemplarmente os criminosos e, mais do que eles, os seus mandantes. O que não é admissível é que, pisoteando brutalmente as aspirações de um povo à independência e à liberdade, os imperialistas norte-americanos insistam em manter o Panamá como uma colônia.

A entrega do canal do Panamá à administração soberana dos panamenhos, a retirada das bases militares yanques instaladas naquele país e a anulação dos odiosos privilégios imperialistas de trustes como a United Fruit são exigências de toda a hu-

manidade progressista, que se erguem hoje como um clamor mundial.

Os vergonhosos acontecimentos do Panamá revelam, enfim, uma vez mais, a todos os povos, a verdadeira face do imperialismo norte-americano. Eis aí o que há de verdade, por trás dos hipócritas palavreados dos diplomatas e ideólogos de Washington, assim como dos seus propagandistas tipo «O Globo» e «O Estado de São Paulo». A «solidariedade continental», o «respeito aos direitos do homem» é isto que aí está: a pilhagem mais descarada, a violência mais covarde, a prepotência mais brutal. De tudo isso, porém, está chegando o fim inevitável.

POVOS RUMOS